



Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse.
www.jornaldocomercio.com/agro



Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse.
www.jornaldocomercio.com/agro



Agro forte e indústria fraca desafiam cidades

Baixa industrialização e gargalos logísticos dificultam a retenção da riqueza do campo em cidades do interior gaúcho

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

Municípios do Interior gaúcho que lideram a produção de soja, milho e outras commodities agrícolas convivem com um paradoxo: apesar da riqueza gerada no campo, grande parte do valor econômico acaba deixando essas regiões antes de se transformar em emprego, arrecadação e diversificação produtiva local.

O cenário se repete em cidades de forte perfil agropecuário da Região Central do Rio Grande do Sul, onde o setor primário sustenta a economia, mas ainda convive com baixa industrialização e limitações logísticas. Para especialistas e gestores municipais, o desafio das próximas décadas será justamente ampliar a capacidade de agregar valor ao que já é produzido no campo.

Para o coordenador do Centro Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário (Ceema) da Unijuí, Argemiro Luís Brum,

existe uma diferença importante entre crescimento econômico e desenvolvimento regional. “Crescer não é sinônimo de desenvolvimento”, afirma o economista. Segundo Brum, municípios fortemente agrícolas muitas vezes permanecem excessivamente concentrados na atividade agrícola, sem consolidar cadeias de processamento, serviços e tecnologia capazes de reter parcela maior da renda gerada pelo agro. “O protagonismo agrícola não basta. É preciso transformar isso em desenvolvimento real”, diz.

Um dos exemplos desse cenário é Tupanciretã, município reconhecido pela força da produção de soja. A cidade lidera o ranking gaúcho da cultura e possui o maior PIB agropecuário do Estado, segundo o prefeito Gustavo Terra (PP). Apesar disso, a participação industrial ainda é reduzida. Conforme o prefeito, 74,1% do Valor Adicionado Fiscal (VAF) do município está ligado ao setor primário, enquanto a in-

dústria representa apenas 0,6%.

Terra afirma que parte da dificuldade está ligada à infraestrutura. Sem alternativas ferroviárias eficientes e distante dos principais corredores logísticos, o município perde competitividade na disputa por investimentos industriais. Segundo ele, a dependência quase total do transporte rodoviário encarece operações e favorece a instalação de indústrias em cidades localizadas às margens da BR-158 ou mais próximas de estruturas ferroviárias e portuárias. “Tupã acaba ficando em desvantagem”, afirma o prefeito, ao citar a distância de 21 quilômetros da BR-158 e os custos extras de frete.

Terra cita a implantação da Soli3, em Cruz Alta, como exemplo das dificuldades enfrentadas por municípios mais afastados dos principais corredores logísticos. Segundo ele, a cooperativa local Agropan chegou a participar das tratativas iniciais do empreendimento, mas o investi-



PREFEITURA DE TUPANCIRETÃ/DIVULGAÇÃO/JC

Tupanciretã perde grande parte de suas riquezas para outras cidades

mento acabou sendo direcionado para o município vizinho. “Cruz Alta fica à beira da BR-158. E a malha ferroviária passa do lado”, afirma.

A nova indústria é desenvolvida por Cotrijal, de Não-Me-Toque; Cotripal, de Panambi; e Cotrisal, de Sarandi; e prevê processamento de soja para produção de biodiesel, óleo e farelo. Para o presidente da Cotrijal, Nei César Mani-

ca, a agroindustrialização representa um passo importante para ampliar a retenção de renda nas regiões produtoras. “A agroindústria amplia a retenção de renda, reduz custos logísticos e fortalece toda a cadeia produtiva”, afirma.

“Ou as cerealistas e cooperativas verticalizam seus negócios, ou a produção segue saindo daqui para ser industrializada em outros locais”, acrescenta Terra.

Industrializar no Interior ainda esbarra em infraestrutura e escala

A tentativa de agregar valor à produção agropecuária dentro dos próprios municípios ainda enfrenta obstáculos logísticos, estruturais e operacionais no Interior gaúcho. Em Tupanciretã, o produtor rural Wagner Soldera decidiu investir no processamento de milho verde, apostando em um mercado de maior valor agregado em comparação à comercialização tradicional do grão. Conforme Soldera, o projeto nasceu da tentativa de transformar parte da produção agrícola em um produto voltado diretamente ao varejo.

A estrutura da Malu Beneficiadora de Alimentos envolve colheita, beneficiamento, cozimento, embalagem, distribuição em um intervalo curto de tempo.

“Em 24 horas a espiga sai da lavoura e vai para a prateleira do supermercado”, afirma.

Embora não fale sobre o valor investido, o empresário relata que foram instalados na unidade industrial equipamentos sofisticados, estrutura de processamento e adequações operacionais. Hoje, a operação abastece mercados em diferentes regiões do Estado com

bandejas embaladas e produtos a vácuo. Segundo Soldera, a industrialização já começou a trazer retorno econômico bastante superior ao obtido apenas com a comercialização tradicional do milho, justamente pela agregação de valor ao produto final.

“A industrialização abre mercado e agrega valor, mas exige uma estrutura muito maior do que simplesmente produzir o grão”, relata. O empreendimento gera cerca de 30 empregos diretos, além de movimentar serviços ligados à colheita, transporte e logística.

Apesar disso, ele afirma que a implantação da estrutura industrial trouxe desafios muito maiores do que os inicialmente previstos. Entre os principais entraves aparecem dificuldades de infraestrutura, custo operacional, mão de obra e logística.

O distrito industrial onde a empresa foi instalada ainda enfrenta limitações de abastecimento e serviços urbanos. Em parte da operação inicial, a indústria chegou a funcionar com geradores próprios devido à demora na ligação definitiva de energia elétrica.

A empresa ainda depende da conclusão de melhorias de infraestrutura no distrito industrial.

Além disso, a perecibilidade do produto exige uma operação sincronizada entre pedidos, colheita, processamento e entrega, dificultando ganhos rápidos de escala.

A avaliação do empresário é de que a agregação de valor pode abrir novas possibilidades econômicas para municípios agrícolas, mas ainda depende de infraestrutura, logística eficiente e coordenação entre produtores, empresas e Poder Público.

Índices da Pecuária

ANÁLISE DO DIA 4 DE JUNHO DE 2026

* Apuração válida para o período de 4/6 a 11/6

Boi gordo peso vivo	+4,0%
Boi gordo a rendimento de carcaça:	+2,0%
Vaca gorda a peso vivo	+2,4%
Vaca gorda a rendimento de carcaça	+2,3%
Terneira	+10,9%
Terneiro	+3,2%
Novilha	+2,4%
Novilho	+1,5%

O mercado do boi gordo apresentou aumento em todas as modalidades avaliadas nesta semana. Esse movimento é reflexo da entressafra, período em que a disponibilidade de animais prontos para abate tende a ser menor no estado. Além disso, o mercado ainda sente os reflexos do ciclo de baixa dos últimos anos, marcado pelo elevado abate de fêmeas, que contribuiu para reduzir a oferta de animais.

GADO DE REPOSIÇÃO

28/05/2026	TERNEIRA				NOVILHA			TERNEIRO			NOVILHO			VACA		
	6-12m	13-24m	25-36m	Prenhe	6-12m	13-24m	25-36m	6-12m	13-24m	25-36m	Prenhe	Inverno	Falhada	Com cria		
MÁXIMO	15,82	13,26	-	-	15,64	12,8	-	-	10,56	-	11,56	-	-	-		
MÉDIO	15,02	12,36	10,58	-	15,04	12,18	-	11,06	10,06	10,26	10,76	-	-	-		
MÍNIMO	14,22	11,46	-	-	14,44	11,38	-	9,56	-	9,96	-	-	-	-		

PV = peso vivo | PC = peso carcaça | +Valores à vista, em R\$/kg. | *No caso de obtenção de somente um valor, usou-se o fator e 2,05 na conversão de peso vivo para peso de carcaça correspondente. | * Variações correspondentes sempre à semana anterior | ■ Estável ● Subiu ● Desceu

GADO GORDO

28/05/2026	PV MACHO	PC MACHO	PV FÊMEA	PC FÊMEA
MÁXIMO	13,5	25,5	11,5	23,5
MÉDIO	13	24,5	10,75	22
MÍNIMO	12,5	23,5	10	20,5

FONTE: NESPRO/UFRGS